

# AMOR E RECONHECIMENTO EM AXEL HONNETH

Leonardo Goulart Pimenta<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho trata de demonstrar o conceito de amor dentro da teoria do reconhecimento de Axel Honneth. A partir da concepção de Donald W. Winnicott, Axel Honneth constrói o conceito de amor a partir das relações primárias entre mãe e filho, como elemento nuclear da construção da autoconfiança do indivíduo.

Palavras-chave: Amor. Reconhecimento. Autoconfiança. Winnicott.

## 1. INTRODUÇÃO

*Luta por Reconhecimento: a gramática das relações sociais* vem se destacando como uma das grandes obras analíticas dos conflitos sociais no mundo contemporâneo. Professor da Escola de Frankfurt e seguidor da teoria crítica de autores como Habermas, Appel, Adorno, Lukács; Axel Honneth desenvolve sua teoria a partir de três modos de reconhecimento: o amor (dedicação emotiva); o direito (respeito cognitivo) e a solidariedade (estima social). A partir de uma configuração tripartite de matriz hegeliana, a estrutura das relações abrange três dimensões fundamentais da vida individual e coletiva: a dimensão do amor, correspondente à constituição de uma ‘autoconfiança’ individual; a dimensão do direito, associada a constituição de um auto-respeito do indivíduo; e a dimensão da solidariedade, que corresponderia à constituição de ‘auto-estima individual’.

Este trabalho terá como objetivo discorrer sobre a idéia de amor dentro da teoria de Honneth. Como o amor pode contribuir para construção de uma gramática moral dos conflitos sociais? Com a teoria do reconhecimento tem na dedicação emotiva um de seus pilares? Como o reconhecimento em sua dimensão mais profunda é percebido nas relações familiares e de amizade? Sem a compreensão deste conceito preliminar, toda a dialética subjacente ao reconhecimento se debilita teoricamente e perde seu sentido fundamental.

---

<sup>1</sup> Graduação em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001), graduação em Administração pública pela Fundação João Pinheiro (2000), mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2003) e doutorado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2011). Atualmente é Professor Adjunto III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Professor do Instituto de Educação Continuada e Membro de corpo editorial da Revista do Direito do Izabela Hendrix. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito. Atuando principalmente nos seguintes temas: Direito, Levinás.

## 2. O CONCEITO DE AMOR TRADIÇÃO MODERNA

Para compreender a resposta das questões colocadas, primeiramente é preciso desvendar o sentido atribuído ao amor e o recorte teórico em que ele se desenvolve. Para entender a idéia de amor, é possível, acompanhando o próprio autor e a obra em questão, reconstruir historicamente seu conceito a partir da modernidade.

A idéia de amor ainda é marcada pelo romantismo moderno. Para esta corrente de pensamento, as interações amorosas apóiam-se em sentimentalismo ou experiências sentimentais vivenciadas dentro relacionamentos de natureza sexual – homem e mulher. Retrata ainda o drama humano, seus amores trágicos, seus ideais utópicos e os desejos de escapismo que, essencialmente, passam distantes da estrutura fundamental de reconhecimento em Honneth. É preciso desvencilhar-se de toda noção romântica e vulgar de amor para compreender sua relação com o direito e o reconhecimento na comunidade.

O ponto inicial da teoria do reconhecimento é Hegel. Mesmo que, do ponto de vista de Honneth, ele não tenha conseguido escapar completamente de todo ideário romântico, Hegel consegue ultrapassar relação entre homem mulher e acentuar a carência como elemento das relações amorosas. Em Hegel a idéia de amor designa mais do que somente o relacionamento sexualmente preenchido entre homem e mulher. É verdade que seus primeiros escritos estão ainda fortemente marcados pela caracterização da ligação emotiva inter-sexual feita pelo primeiro romantismo, mas a interpretação de Honneth havia mostrado que Hegel aplica o conceito também ao relacionamento afetivo entre pais e filhos no interior da família, por exemplo (HONNETH, 2009, p. 160). Ainda, Hegel trata de acentuar o fato do amor representar a primeira etapa do reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se como seres carentes. “Na experiência recíproca da dedicação amorosa, dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, do respectivo outro” (HONNETH, p. 160). Explica Honneth:

Além disso, visto que carências e afetos só podem de certo modo receber ‘confirmações’ porque são diretamente satisfeitos ou correspondidos, o próprio reconhecimento deve possuir aqui o caráter de assentimento e encorajamento afetivo; nesse sentido, essa relação de reconhecimento está ligada de maneira necessária à existência corporal dos outros concretos, os quais demonstram entre si sentimentos de estima especial. A chave para transferir esse tema a um contexto de pesquisa determinado pelas ciências particulares é representado então por aquela formulação de Hegel segundo a qual o amor tem de ser concebido como um ‘ser-si-mesmo em um outro’; pois, com isso, é dito das relações primárias efetivas que elas dependem de um equilíbrio precário entre autonomia e ligação, o qual constitui o interesse diretivo pela

determinação das causas de desvios patológicos na teoria psicanalítica das relações de objeto. (HONNETH, 2009, p.160)

Apesar da influência, a teoria hegeliana e seu conceito de amor sofrem os efeitos da guinada psicanalítica em direção ao curso interativo da primeira infância. Com a formulação da teoria psicanalítica, a ligação afetiva passa a ser pesquisada com um processo cujo êxito depende da preservação recíproca de uma tensão entre o abandono simbiótico e a autoafirmação individual. Ou seja, com a psicanálise resta demonstrado que a formação do indivíduo se estrutura a partir da primeira infância, fazendo como que o conceito de amor passe a se considerado sob esta nova óptica.

Da análise terapêutica dos relacionamentos patológicos, a teoria das relações de objeto infere as condições que podem conduzir a uma forma bem-sucedida de ligação afetiva entre as pessoas. No entanto, antes de se poder chegar, no interior da psicanálise, a essa concentração nos aspectos interpessoais do agir humano, precisou-se de uma série de estímulos teóricos que colocaram em questão a representação ortodoxa de desenvolvimento a vida pulsional infantil (HONNETH, 2009, p. 161).

Nesse caminho, Freud analisa que os parceiros de interação da criança só têm importância na medida em que se apresentam como objetos de investimentos libidinosos que resultavam do conflito intra-psíquico de demandas pulsionais inconscientes e de controle do ego gradualmente emergente (HONNET, 2009, p. 161). Desse modo estabelece-se um quadro de desenvolvimento psíquico da criança na qual suas relações com outras pessoas eram consideradas apenas como mero desdobramento das pulsões libidinosas.

René Spitz, Morris Eagle, John Bowlby, também contribuem na pesquisa relacionada ao amor na primeira infância e seus desdobramentos comportamentais individuais e coletivos. Sem, no entanto, serem relevantes para teoria do reconhecimento por não se adequarem ao sistema proposto por Honneth.

### **3. A NOÇÃO DE AMOR EM DONALD W. WINNICOTT**

É em Donald W. Winnicott que Honneth vai encontrar substrato profundo e inovador para estruturar sua teoria do reconhecimento de forma a acomodá-lo no quadro teórico de Hegel. Em Winnicott o processo de amadurecimento infantil é concebido como uma tarefa que só por meio da cooperação intersubjetiva entre mãe e filho pode ser solucionada em comum, que, por sua vez, apresenta-se por meio de diferentes fases de reconhecimento da criança e da mãe.

Winnicott sustenta que, nos primeiros meses de nascimento, ou fase de colo, existe uma relação simbiótica entre mãe e filho. A criança, por depender absolutamente da mãe, percebe o corpo da mãe como extensão do próprio corpo. É a primeira fase, ou fase de ‘dependência absoluta’. Explica Honneth.

Para caracterizar a primeira fase, isto é, aquela relação de comunidade simbiótica que principia logo depois do nascimento, Winnicott aduz principalmente a categoria de ‘dependência absoluta’; ela significa que os dois parceiros de interação dependem aqui, na satisfação de suas carências, inteiramente um do outro, sem estar em condições de uma delimitação individual em face do respectivo outro. Pois, por um lado, a mãe vivenciará o estado carencial precário do bebê como uma necessidade de seu próprio estado psicológico, uma vez que ela se identificou projetivamente com ele no curso da gravidez; daí a atenção emotiva dela estar trabalhada para a criação de modo tão integral que ela aprende a adaptar sua assistência e cuidado, como por ímpeto interno, aos seus interesses cambiantes, mas como que co-sentidos (mitgeföhlt) por ela própria (HONNETH, 2009, p. 165-166).

A mãe se reconhece no seu dever de proteger seu filho, o qual, em completo estado de desamparo, ainda não consegue se diferenciar fisicamente da mãe, i.e., ainda não se compreende como um ser individual. O filho, por depender da mãe para sobreviver, percebe o corpo da mãe como extensão do seu próprio corpo; a mãe, por sua vez, identifica-se completamente com seu filho ao desejar atender a todas as demandas da criança indefesa. Nesta fase, só no abrigo físico representado pelo ‘colo’ o bebê pode aprender a coordenar suas experiências notórias e sensórias em torno de um único centro de vivências.

No entanto, na medida em que a criança adquire mais autonomia, permanecendo tempos cada vez maiores sem o amparo direto da mãe, a dependência recíproca começa e se fluidificar. A mãe, ao reconhecer a autonomia do filho, começa a retornar gradativamente a sua rotina individual, deixando o filho sem cuidados diretos por tempos maiores. Em outros termos, a mãe é convocada a voltar a sua rotina, a se relacionar novamente com outros parceiros de interação, ao passo que a criança vai desenvolvendo outras formas de se relacionar com o ambiente, que lhe permitem uma nova percepção de seu próprio corpo. Trata-se da saída da fase dependência absoluta para fase de dependência relativa.

A essa ‘des-aptação graduada’ da mãe corresponde, pelo lado do bebê, um desenvolvimento intelectual que provoca, juntamente com a ampliação do reflexos condicionados, a capacidade de diferenciar cognitivamente o próprio ego e o ambiente: na idade média de seis meses, ele começa a entender sinais acústicos ou ópticos como índices de futuras satisfações de carências, de sorte que pode suportar progressivamente a ausência da mãe em curtos períodos (HONNETH, 2009, p. 167)

Ainda:

Para criança, resulta do processo de desilusão, iniciado quando a mãe já não pode estar à sua disposição em virtude de novo aumento de sua autonomia de ação, um grande desafio, difícil de ser vencido: se a pessoa fantasia até então como parte de mundo subjetivo escapa gradativamente de seu controle onipotente, ele precisa começar a chegar a um 'reconhecimento do objeto como ser próprio'. A criança pequena é capaz de resolver essa tarefa na medida em que seu ambiente social lhe permite a aplicação de dois mecanismos psíquicos que servem em comum à elaboração efetiva da nova experiência; o primeiro dos dois mecanismos foi tratado por Winnicott sob a rubrica de 'destruição', o segundo é apresentado por ele no quadro de seu conceito de 'fenômenos transicionais' (HONNETH, 2009, p. 168).

Ocorre que em resposta ao abandono gradual da mãe, o filho desenvolve logo uma disposição para atos agressivos (mordidas, empurrões, chutes, golpes), dirigidos especialmente à mãe, já percebida como um ser diferente e autônomo. É como que para rebelar-se contra a experiência de desvanecimento da onipotência, como que procurar destruir o corpo da mãe, vivenciada até então apenas como fonte de prazer (HONNETH, 2009, p. 168).

Se a mãe suporta os atos agressivos do filho, como um ser capaz de resistência, e até mesmo de ensejo à agressão, o filho torna-se capaz de amá-la sem fantasias narcisísticas ou de onipotência. Ao perceber que a mãe não se volta contra seus atos destrutivos, retirando-lhe carinho e cuidado, a criança desenvolve a certeza de que é amada. Só na tentativa de destruição da mãe, ou seja, na forma de luta, a criança vivência o fato de que ela depende da atenção de uma pessoa existindo independente dela, como um ser com pretensões próprias (HONNETH, 2009, p.170).

Neste caminho, ao responder de forma afetuosa aos arroubos de fruía da criança, estrutura-se toda a autoconfiança que o filho carece para suas interações coletivas dentro do processo dialético de reconhecimento. A criança desenvolve autoconfiança e capacidade de 'estar só', por meio da certeza de que a pessoa amada preservar seu amor mesmo que sua atenção não se direcione apenas a ela. Em síntese, a criança desenvolve a consciência de que é amada e isso a permite ter autoconfiança para ficar só.

Se a mãe soube passar pelo teste de seu filho, tolerando os ataques agressivos sem a vingança de privá-lo do amor, então, da perspectiva dele, ela pertence de agora em diante a um mundo exterior aceito com dor; pela primeira vez, como dito, ela terá de tomar consciência agora de sua dependência em relação à dedicação dela. Se o amor da mãe é duradouro e confiável, a criança é capaz de desenvolver ao mesmo tempo, à sombra de sua confiabilidade intersubjetiva, uma confiança na satisfação social de suas próprias demandas ditadas pela carência; pelas vias psíquicas abertas dessa forma, vai se desdobrando nela, de maneira gradual, uma 'capacidade de estar só'. Winnicott atribui a capacidade da criança estar a sós, no sentido de que ela começa a descobrir de maneira descontraída 'sua própria vida pessoal', à experiência da 'existência contínua de uma mãe confiável': só na medida em que 'há um bom objeto

na realidade psíquica do indivíduo' ele pode se entregar a seus impulsos internos, sem o medo de ser abandonado, buscando entendê-los de um modo criativo (HONNETH, 2009, p. 173).

Apenas um processo de autoconfiança bem estruturado poderá constituir um indivíduo que não compreenda o outro como um objeto, onipotentemente a ser determinado. O poder-estar-só constitui o pólo, relativo ao sujeito, de uma tensão intersubjetiva, cujo pólo oposto é a capacidade de fusão delimitadora do outro (HONNETH, 2009, p.175).

#### **4. CONCLUSÃO**

Honneth, a partir de Hegel e Winnicott, busca, em sua obra *Luta por Reconhecimento: a gramática das relações sociais*, demonstrar que a capacidade do indivíduo se relacionar com o outro dentro do processo dialético de reconhecimento em seus outros dois níveis (direito e solidariedade), está intimamente ligado ao desenvolvimento de sua autoconfiança e de sua 'capacidade de estar só'. Neste sentido, todo o conjunto de obrigações e deveres que o sujeito reconhece em si e no outro, dependem, em uma dimensão profunda e primária de reconhecimento, da relação amorosa do início de sua primeira infância. As relações primeiras de amor aparecem como o sustentáculo-lo do projeto de reconhecimento.

#### **Abstract**

This paper tries to demonstrate the concept of love within the theory of recognition of Axel Honneth. The From the conception of Donald W. Winnicott, Axel Honneth builds the concept of love from the primary relations between mother and child as part of the construction of nuclear confidence of the individual.

Keywords: Love. Recognition. Confidence. Winnicott.

#### **REFERÊNCIAS**

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa, 2 Edição. São Paulo: Ed. 34, 2009.

NOBRE, Marcos. "Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica". In: Honneth, Axel. *Luta por reconhecimento: a Gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 07-19.

RAVAGNANI, Herbert Barucci Ravagnani. Intersubjetividade e reconhecimento: Honneth leitor do jovem Hegel. *Revista Simbio-Logias*, São Paulo, V.1, n. 2, Nov/2008.